

Chrysanthème: perspectivas histórico-literárias na *Belle Époque* brasileira

Chrysanthème: historical and literary perspectives on Brazilian Belle Époque

JOSÉ PEDRO TONIOSSO 1; MARIÂNGELA ALONSO 2

1. Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro – SP
jptoniosso@itelefonica.com.br

2. Faculdades Integradas Fafibe – Bebedouro – SP
maryalons@ig.com.br

Abstract.

Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos (1870-1948) was a chronicler of prestige in Rio de Janeiro of the period of the belle époque, but forgotten by the canonical records, sought to hide behind pseudonyms, and Chrysanthème the most used. Over a wide literary-journalistic career, wrote for numerous journals and has published sixteen titles, among them children's stories, novels, biographies, historical and snitches, plays and literary criticism. His writings retain the strength and timeliness of the early days, in tracing the poor distribution per capita, poverty, drought, wars, unemployment, the transformation of urban space and particularly the female condition, subjects of some of the written for this intriguing author at the beginning of the twentieth century.

Keywords. Chrysanthème; Belle Époque; history; literature; interdisciplinarity.

Resumo. Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos (1870-1948) foi uma cronista de prestígio no Rio de Janeiro do período da *Belle Époque*, mas, esquecida pelos registros canônicos, buscou esconder-se atrás de pseudônimos, sendo Chrysanthème o mais usado. Ao longo de uma vasta carreira lítero-jornalística, escreveu para inúmeros periódicos e publicou dezesseis títulos; dentre os quais contos infantis, romances biográficos, históricos e bufos, peças de teatro e crítica literária. Seus escritos mantêm a força e a atualidade dos primeiros tempos, no sentido de rastrear a má distribuição *per capita*, a miséria, a seca, as guerras, o desemprego, a transformação do espaço urbano e principalmente a condição feminina, temas de alguns dos textos escritos por esta intrigante autora no início do século XX.

Palavras-chave. Chrysanthème; Belle Époque; história; literatura; interdisciplinaridade.

Introdução:

Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos, autocognominada Chrysanthème nasceu no Rio de Janeiro em 1870 e faleceu nesta mesma cidade em 1948. Cronista de prestígio no período da *Belle Époque* e esquecida, como inúmeras, pelos registros canônicos, a autora buscou esconder-se atrás de pseudônimos, sendo Mme Chrysanthème ou simplesmente Chrysanthème, o mais usado. Tal escolha advém do título do romance Mme Chrysanthème, do francês Pierre Loti, publicado em 1887.

Ao longo de uma vasta carreira lítero-jornalística, Chrysanthème escreveu para inúmeros periódicos, tais como O Paiz, Diário de Notícias, Correio Paulistano, Gazeta de Notícias, Mundo Literário, O Cruzeiro, além de A Imprensa.

Há ainda o registro de dezesseis títulos; dentre os quais contos infantis, romances biográficos, históricos e bufos, peças de teatro e crítica literária. Além desta vasta produção era constante, segundo levantamentos da crítica, a constante presença da autora como conferencista nos salões da época.

Seus escritos mantêm a força e a atualidade dos primeiros tempos, no sentido de rastrear a má distribuição *per capita*, a miséria, a seca, as guerras, o desemprego, a transformação do espaço urbano e principalmente a condição feminina, temas de alguns dos textos escritos por esta intrigante autora no início do século XX.

Pela brevidade exigida neste trabalho, optamos por restringir a análise ao romance O que os outros não vêem (1928), a fim de divulgar a visada literária da autora, e ao mesmo tempo discutir as intermediações histórico-literárias da década de 20 no texto escolhido. Entendemos que os estudos literários e historiográficos se aproximam pela textualidade, uma vez que as duas escritas baseiam-se em processos de percepção e organização da realidade que cerca seus narradores. A troca de experiências entre áreas afins permite que novos itinerários sejam traçados por meio da criatividade e competência do educador.

O Brasil entra na modernidade: civilizar-se é preciso

No final do século XIX o Brasil encontrava-se em verdadeira ebulição. Ao mesmo tempo em que o abolicionismo colocava fim ao longo período do regime escravocrata, ocorria a transição do regime monárquico para o modelo republicano, uma medida que se associava à preocupação das elites do sudeste com o processo de modernização de forma a equiparar o país às progressistas nações européias.

O país seguia a tendência da América Latina que nesse período, de acordo com Eric Hobsbawm “tomou o caminho da ‘ocidentalização’, na sua forma burguesa e liberal com grande zelo e ocasionalmente grande brutalidade, de uma forma mais virtual que qualquer outra região do mundo, com exceção do Japão” (HOBSBAWM apud SEVCENKO, 2002, p. 541).

Ao iniciar-se o século XX a influência européia se mantinha, especialmente a francesa, a ponto de sermos considerados então como um satélite espiritual da França. A recém fundada República tivera uma orientação positivista, de origem francesa, como era também a literatura consumida pelo público. Lia-se Julio Verne, Zola, Maupassant, Flaubert e outros. Escritores, políticos e bacharéis viajavam todos os anos para Paris. Segundo Paulo Prado, “só a Europa nos interessava. Era a terra prometida dos nossos sonhos” (PRADO apud NOSSO SÉCULO: 1900-1910, 1981, p. 207).

A inspiração européia fez com que no Brasil o Rio de Janeiro se convertesse na metrópole-modelo. Em seu programa de governo o presidente eleito Rodrigues Alves expôs sua pretensão de permitir ao país entrar no novo século com grandes perspectivas de

progresso, para o qual seria necessário sanear e modernizar a Capital Federal. Com a nomeação de Pereira Passos para prefeito e de Oswaldo Cruz para o cargo de diretor da Saúde Pública, a cidade se transfigurou com uma rapidez vertiginosa e em 1906, após os quatro anos do mandato de Rodrigues Alves, o Rio de Janeiro era uma outra cidade (NOSSO SÉCULO: 1900-1910, 1981, p. 32).

Para Nicolau Sevcenko, com a ampla reforma, a capital brasileira mantinha-se

[...] no eixo de irradiação e caixa de ressonância das grandes transformações em marcha pelo mundo, assim como no palco de sua visibilidade e atuação em território brasileiro. O Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima (SEVCENKO, 2002, p. 522).

Nem tudo era um mar de rosas na capital, pois conforme registrou o escritor Lima Barreto, era nítida a cisão social entre os dois Rios de Janeiro que surgiram a partir da Regeneração, a grande reforma que impôs também uma nova norma urbanística, racional e técnica, enquanto que por outro lado, na periferia, surgiam as malocas dos trabalhadores informais, muitos dos quais ex-escravos.

Na parte central da cidade, especialmente na recém criada Avenida Central, a modernidade estava presente nas lojas caras de influência francesa, nas casas de chá, nas confeitarias e cafés, como a Colombo, o Paris ou o *Provence*, os *clubs* e cassinos onde se jogava o *poker*, os teatros com as temporadas líricas que testemunhavam mulheres elegantemente vestidas em tafetá e chamalotes, conduzidas pelo braço de seus pares de cartola, polainas e bengala (MATTOS, 2006, p. 2)

Sevcenko nos revela que a Avenida funcionava como o principal índice simbólico da cidade, com suas vitrines cintilantes, a iluminação pública, os faróis dos carros e o vestuário suntuoso dos transeuntes, alguns dos sintomas das mudanças profundas na estrutura social e cultural. Funcionava como um dos espaços de desfile e exibição social, nos quais o grande segredo era, principalmente, parecer “moderno” (SEVCENKO, 2002, p. 556).

A literatura cumpria o papel de ser a difusora do espírito da Belle Époque, um veículo de comunicação presente nos salões, confeitarias, livrarias, cafés e redações de jornais e ao mesmo tempo, fazia apologia do progresso e criticava a decadência moral e social dos novos tempos. Mattos comenta que sob forte influência francesa, os salões literários da capital se destacavam como um importante instrumento para a socialização das mulheres, um espaço em que estas deixavam de ser meras consumidoras para tornarem-se também produtoras de cultura (MATTOS, 2006, p. 4)

Foi neste contexto histórico que dentre as poucas figuras femininas de destaque incluiu-se a escritora Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos, autocognominada Chrysanthème, que a seguir abordamos.

O que os outros não vêem: imagens da Belle Époque Tropical.

Do ponto de vista literário denominamos Belle Époque o período cultural brasileiro que vai do princípio do século XX, com a publicação de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e *Canaã*, de Graça Aranha às conseqüências iconoclastas surgidas na Semana de Arte Moderna (1922). Este período corresponde ao chamado Pré-Modernismo, período marcado por múltiplas tendências, conforme salienta o crítico Alfredo Bosi: “Creio que se pode chamar pré-modernista (no sentido forte de premonição dos temas vivos em 22) tudo o que, nas

primeiras décadas do século, problematiza a nossa realidade social e cultural” (BOSI, 1990, p. 345).

A chamada Belle Époque brasileira foi, portanto, marcada pela concomitância de diversas correntes literárias, tais como o parnasianismo de Olavo Bilac, a prosa tradicionalista de Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e Coelho Neto, uma espécie de Simbolismo (que não conseguiu atingir as elites cultas da época); ainda pelo Realismo/Naturalismo. Neste âmbito convivem tendências literárias conservadoras e renovadoras.

O aspecto conservador localizava-se no código da linguagem que, com algumas poucas ousadias, continuava fiel aos modelos acadêmicos. Por outro lado, despontava certo aspecto renovador, mais preocupado com a realidade social emergente no início do período republicano.

Publicado em 1929, o romance *O que os outros não vêem*, de Chrysanthème apresenta uma nova forma de narrar a condição feminina, combatendo o discurso patriarcal ao criar espaços para o registro de cenas e personagens de seu tempo. Trata-se de uma narrativa inovadora, na qual a autora ousa transgredir as regras do seu tempo e assim apresentar personagens femininas às voltas com as novidades da época.

Logo no prefácio da narrativa há uma espécie de “manifesto” em relação à situação da mulher na sociedade da época, além de esclarecer importantes pontos do estilo e da natureza do romance:

Nenhum dos meus livros contém sequer um arremedo de prefácio escrito por mim ou pelos outros. Nunca me acudiu ao cérebro a idéia de procurar um padrinho ou apresentador para as minhas produções literárias. [...] E, também, jamais me arrependi de assim proceder, sendo, entretanto, uma mulher sozinha entre um exército de escritores, de críticos, de rivais e de ... Inimigos! [...] Tentei simplesmente, neste romance, observando a sociedade atual, pôr em guarda as minhas irmãs em espírito contra as hipocrisias e maldades dos vários cavalheiros de roupa branca que lhes juram amor, proteção e solidariedade, rindo-se depois, maquiavelicamente [...] nesta tragédia real, passada ao lado dos indiferentes e dos insensíveis, dessa tragédia que “os outros não vêem”, procurei fazer um retrato fiel do amante de hoje. Os homens, pois, não devem ler este meu livro. [...] Vendo-se retratados nas suas páginas, com tamanha perfeição, revoltar-se-ão contra mim [...] (CHRYSANTHÈME, 1929, p. 07-09)

Como se nota, o romance traz um estudo da psicologia feminina, prometido no subtítulo “Romance moderno de psycho-analyse feminina”, tomando como base a vida da personagem Maria Thereza da Nóbrega Malheiro, mulher de 42 anos e seu envolvimento com Carlos Eduardo Prates, rapaz de 33 anos.

A narração desenvolve-se inicialmente na cidade de Paris e posteriormente desloca-se para o Rio de Janeiro, local em que se desenvolverá o romance de Maria Tereza e Prates.

Paris, o grande centro do Ocidente é o cenário que abre a narrativa, repleto de situações que levam o leitor ao clima de modernidade das primeiras décadas do século XX: “[...] tomou a direção do **boulevard**” (CHRYSANTHÈME, 1929, p. 14); “Foi enquanto ela subia para um modesto **Chevrolet** de aluguel, que, pela segunda vez os olhos de Carlos Eduardo Prates e de Maria Thereza Malheiro se encontraram” (CHRYSANTHÈME, 1929, p. 17); “[...] atelier do delicioso **cubista** Pierre Vallier” (CHRYSANTHÈME, 1929, p. 18); “[...] imenso **transatlântico**” (CHRYSANTHÈME, 1929, p. 102). Há, portanto, uma valorização exagerada dos ideais franceses, fazendo com que tudo ligado ao país fosse tratado como símbolo de modernidade.

O que os outros não vêem apresenta uma curiosa caracterização de perfis femininos. Maria Thereza é caracterizada inicialmente como recatada, séria, uma vez que relutará em viver o amor com Prates. Cercada por crises esta personagem apresenta questionamentos

acerca do mundo que a rodeia: “Tenho quarenta e dois anos, querida, e um neto! Se, moça o amor me foi sempre áspero e adverso, que seria ele agora para comigo, se eu me metesse depois de velha, a cultivá-lo. Um desastre, não?!” (CHRYSANTHÈME, 1929, p. 20).

Ao lado de Maria Thereza temos a interessante caracterização da baronesa Rosalina, uma mulher divorciada, com uma vida regrada a viagens e gigolôs. É por meio desta personagem que a autora tece de modo irônico e jocoso ferozes críticas aos homens: “Um homem é um animal, que diabo! E todos os animais possuem afinal uma utilidade qualquer, não é verdade? Tendo cada um deles a sua função própria. Os gatos comem os ratos e os tamanduás, as formigas. Os homens servem para o nosso entretenimento e para o nosso... luxo” (CHRYSANTHÈME, 1929, p. 38).

Ao construir personagens fora dos padrões impostos pela sociedade da época, a autora foi alvo de ataques da crítica, tais como de Humberto de Campos a respeito do referido romance:

Conhecedora da vida e da sociedade em que respira e se move, a sra. Chrysanthème poderá fornecer às letras brasileiras excelentes romances de observação. Basta que se proponha escrever mais sossegadamente e pondo em cena personagens pouco mais asseados de língua. O que os outros não vêm foi escrito, evidentemente, mais para efeito moral que literário. Teria conseguido seu objetivo acendendo nas mulheres o ódio ao homem? Eu não creio. Os homens insistirão em fazer juras de amor, e em perjurar. E as mulheres continuarão a acreditar e a sofrer (CAMPOS, 1951, p. 43-58).

Carlos Eduardo Prates, homem pelo qual Maria Thereza vai sendo levada até o momento de não mais resistir possui na trama uma interessante caracterização: “Carlos Eduardo, rico, solteiro e médico, a fim de poder acusar uma qualquer profissão, dizia-se triste, só e aborrecido. Viajara muito, vira muitas coisas e muita gente, mas tudo lhe parecera monótono e banal por esse mundo afora. Não ousava dizer-se blasé, mas tudo nele o demonstrava” (CHRYSANTHÈME, 1929, p. 68).

A caracterização deste personagem leva-nos a uma presença marcante na Belle Époque, o chamado “dândi”. O aparecimento do dandismo correspondeu a um ideário no qual a figura se apresentava de uma maneira intelectualmente rebelde. Associado ao refinamento das classes sociais, esse sujeito traduzia uma postura própria da figura parisiense *fin-du-siècle*, que associada ao pessimismo e ao *spleen* preconizados por Baudelaire, fazia da sua presença nos salões, um perfil da realidade brasileira do momento:

O homem rico, ocioso e que, mesmo entediado de tudo, não tem outra ocupação senão correr ao encalço da felicidade; o homem criado no luxo e acostumado a ser obedecido desde a juventude; aquele, enfim, cuja única profissão é a elegância sempre exibirá, em todos os tempos, uma fisionomia distinta, completamente à parte (BAUDELAIRE, 2007, p. 51).

Aos poucos o romance de Maria Thereza e Prates vai arrefecendo até o ponto em que este não mais a deseja: “A vida é isso mesmo. Não se pode amar uma mulher toda a existência e mais dez anos! Ela que se console e se conforme!” (CHRYSANTHÈME, 1929, p. 168). Neste sentido a autora expõe a tese anteriormente descrita no prefácio, alertando as mulheres para o perigo que representa o amor dos homens.

Considerações Finais:

A partir do exposto fica perceptível a importância do período intitulado Belle Époque no contexto histórico de transformações pelas quais o Brasil atravessava no início do século XX, considerando o anseio pela modernização que daria ao país uma nova imagem no cenário internacional. É notório que o período em questão também foi propício para o desenvolvimento de uma produção cultural intensa, inclusive no âmbito literário. Nesse sentido, é lícito recorrermos aos estudos de Mary Del Priore a respeito da condição feminina na época:

[...] o movimento cultural, desde a abolição até a década de 1920, concentra-se no Rio de Janeiro. Novas idéias, e principalmente novas vivências, vão minar a unidade romântica do passado recente, e as correntes estéticas acabam se fragmentando em várias vertentes. A ficção agora segue paralela, ou concorre, com a ciência e o jornalismo (2001, p. 428).

Sendo assim consideramos a obra de Chrysanthème como representativa de um momento em que a mulher buscava um novo papel no cenário social, deixando de privar-se exclusivamente ao espaço doméstico e mergulhando em novas perspectivas em ebulição. O resultado foi então uma literatura altamente questionadora e expressiva dos valores da Belle Époque.

Referências:

- BAUDELAIRE, Charles. O dândi. In: *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Org. Teixeira Coelho. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007. p. 51-56.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.
- CAMPOS, Humberto de. *Crítica*. São Paulo: Jackson, 1951.
- CHRYSANTHÈME. *O que os outros não vêem*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.
- MATTOS, Maria de Fátima da Silva Costa Garcia. *Representações da Belle-Époque. A ilusão e as marcas de uma sociedade em transformação. II Encontro de História da Arte, IFCH-Unicamp, 2006, Campinas, SP*. Disponível em [http://www.ifch.unicamp.br/pos/hs/anaais/2006/posgrad/\(56\).pdf](http://www.ifch.unicamp.br/pos/hs/anaais/2006/posgrad/(56).pdf) Acesso em 24/10/2009
- NOSSO SÉCULO. *Memória Fotográfica do Brasil no século XX: v. 1. 1900/1910 – v. 2. 1910/1930*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. *O Prelúdio Republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso* In *História da Vida Privada no Brasil República: da Belle Epoque a era do Rádio*. Vol. 3, p. 7-48. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *A capital irradiante: técnica, ritmo e ritos do Rio*. In *História da Vida Privada no Brasil República: da Belle Epoque a era do Rádio*. Vol. 3, p. 513-619. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.